

MUDA BRASIL!

A realidade no dia 7 de setembro

RENATO RIELLA
Secretário de Redação

Zé Carlos acordou cedo, na QNM 22 da Ceilândia. Não escovou os dentes, porque nunca lhe ensinaram isso. Não tomou banho, porque nordestino não suporta água fria. Para distrair seu estômago de 50 anos, bebeu água e até sentiu saudade do leite que um tal de Múcio distribuiu uma vez na sua rua. Zé Carlos lembrou que o mesmo Múcio andou distribuindo uns chapéus de pouca confiança, que na primeira ventania voltavam sozinhos para o próprio Múcio. Uma situação meio mágica, meio Mandrake.

O nosso herói ceilandês ligou o rádio e ficou ouvindo, distraído, o programa do Meira, que tratava de temas ingênuos, como o aparecimento das primeiras flores nas mangueiras, prenunciando muitos frutos no verão. "Eta cabra macho", pensou, comentando consigo mesmo:

— Se fosse candidato, tinha o meu voto.

O velho biscateiro Zé Carlos vestiu uma camisa do Aidano Faria e conferiu, num calen-

dário amassado, que estava vivendo a manhã do dia 7 de setembro de 1986 (e o calendário era propaganda eleitoral do publicitário Carlos Pontes, que não obteve legenda para se candidatar pelo PDT).

A barriga do Zé Carlos roncava de fome. Mesmo assim, ele tinha de partir para o Plano Piloto, onde pretendia vender bandeirinhas do Brasil no Eixão. Era dia de Parada.

No caminho para o Plano, os out-doors passavam a jato, mas deu para reconhecer algumas pessoas. Passou um homem que tem o mesmo nome daquele prédio grandão. Passou um outro parecido com o homem que oferecia livros de graça na televisão. Passou mais um que tinha o bigode pintado a piche por aruaceiros. Alguém do banco ao lado falou que eram candidatos; e Zé Carlos pensou:

— Candidato, mesmo, seria a Maria Abadia. Eu votaria nela!

E logo adiante passou um trio elétrico tocando músicas inocentes (He-Man, Balão Mágico), e também era de um candidato — aquele que tem sobrenome de revólver.

Quando o biscateiro chegou ao Eixão, foi surpreendido pe-

la repórter Rose, da Rádio Planalto, que estava fazendo entrevistas com o público sobre política. Ela perguntou ao Zé se sabia o que era Constituinte. Nada.

Perguntou se conhecia o pensamento político de algum candidato de Brasília. Nada. Mas, namorador, o nosso herói da QNM piscou para Rose e disparou: "Bem que você podia ser a minha candidata".

A repórter não se deixou abalar e contra-atacou: "Diga o nome de um candidato". Zé Carlos pensou, a princípio, em Agnaldo Timóteo, mas lembrou que o cantor é candidato no Rio. E respondeu:

— Carlos Augusto Machado Faria.

Foi o golpe final na repórter. Rose desistiu de fazer entrevistas, diante da total e absoluta falta de conhecimento do público. Carlos Augusto Machado de Faria, além de não ser candidato, era justamente o principal responsável por essa falta de informação dos eleitores, na qualidade de juiz coordenador da fiscalização da propaganda eleitoral.

— Muda Brasil - disse Rose saindo do ar, enquanto entravam no Eixão os Dragões da Independência.